

White Box – Ricardo Carioba

O cubo branco, templo moderno que separa a obra de arte da sociedade para permitir uma possibilidade de percepção ascética do trabalho artístico, já foi subvertido suficientemente para mostrar que a leitura da arte se faz mais por acúmulo do que por isolamento.

Por isso, não deixa de parecer contraditório, à primeira vista, que a maior instalação da exposição “White Box”, de Ricardo Carioba, seja justamente iluminar o cubo branco da galeria, deixando as paredes limpas e tendo apenas um tríptico luminoso, no teto, composto por três fontes, uma vermelha, uma verde e outra azul. Mas, quando a maioria dos que trabalham com arte e tecnologia buscam o cubo preto como espaço expositivo, é notável que haja alguém na contracorrente.

A operação que Carioba realiza é a busca por uma nova experiência de percepção, a partir da elaboração de um repertório que escape do registro de figuras já conhecidas e da revelação de estruturas de criação da imagem.

A pesquisa do artista usa a fotografia como principal suporte. Em sua investigação, a fotografia funciona como a possibilidade da criação de um novo repertório, portanto, sem a preocupação de adensamento sobre a leitura do mundo como se vê, mas no terreno da pura criação. Não é o que não se vê que interessa à sua pesquisa mas sim um novo ver, um espanto com a imagem. Tal projeto já se desenvolve há algum tempo.

Primeiro, o artista fotografou fontes luminosas, como lâmpadas e imagens em tela de computador, congelando, portanto, a energia que se transforma em luz. Tal processo discute os meios tecnológicos como catalisadores de novas experiências visuais e recusa o uso da tradição da fotografia. O diálogo, aqui, é com o artista Waldemar Cordeiro (1925 – 1973), outro pesquisador da criação da imagem em meios digitais, que, em texto de 1971¹, apresentava o computador como parceiro eficaz na criação artística. É importante lembrar que, mesmo adepto e defensor do uso do computador, Cordeiro criticava “uma tendência para o virtuosismo técnico, quase um neoformalismo visando a uma demonstração hedonística sofisticada”. As formas não-espetacularizadas criadas por Carioba atestam sintonia com tal receio.

De fato, Carioba utiliza o computador como parceiro na investigação de seus mecanismos de elaboração da imagem. Isso ocorreu quando o artista passou a fotografar os procedimentos de funcionamento da máquina, como os programas de análise dos arquivos na própria tela de computador. Aqui, surge um novo passo: interessa não só criar imagens mas se apropriar daquelas geradas por convenções já estabelecidas pelo sistema, dando a elas novos significados. Nesse movimento, o artista chapa as imagens, rompendo de vez com a tradição da perspectiva, criando relações espaciais que negam o ponto de fuga.

¹ Em “Arteônica” (São Paulo, Editora da USP)

Na série que apresenta agora, o olhar do artista busca nos aproximar ainda mais dos processos de criação da imagem, para chegar a sua unidade básica, com a série "RGB", na qual fotografava apenas os pontos luminosos que formam a imagem da tela.

O vermelho, o verde e o azul _red, green e blue, daí RGB_ são as cores básicas de fontes para a criação da imagem luminosa no computador. Sobrepostas, elas geram o branco. Com isso, não há, no cubo branco, um trabalho de esvaziamento mas sim de sobreposição, de preenchimento. É na relação entre as três fontes luminosas e no percurso do observador que o trabalho, denominado "Escrita" se constrói. Aquilo que na tela do computador é experiência visual, no cubo branco se constitui em "vestígios", como afirma Laymert Garcia dos Santos: "O especialista em imagens precisa investigar os indícios, os vestígios, como o psicanalista acede à realidade do inconsciente através do lapso, do trocadilho, do mot d' esprit."² E tais vestígios, na instalação, se incorporam ao próprio corpo de quem percorre o espaço.

Já no trabalho "Green", essa situação é congelada, a partir de fotos feitas das fontes luminosas no computador. Círculos verdes, vermelhos e azuis flutuam sobre uma superfície leitosa, revelando o princípio da unidade fotográfica, e se localizam naquilo que Carioba chama de "espaço aberto", uma área sem contaminação e, ao mesmo tempo, suporte da imagem, constituindo-se numa não-imagem. Ao buscar tal sistema básico, essa pesquisa se relaciona novamente com a obra de Cordeiro em suas experiências com o "1" e o "0", unidade binária que sustenta o sistema do computador.

No vídeo "48", o procedimento de investigação da criação da imagem vem carregado de uma nova componente: a relação com o tempo. Agora, há uma narrativa seqüencial, na qual oito cubos estabelecem relações entre si, cujo objetivo é questionar a representação do espaço tridimensional, puro exercício de cubismo digital.

A relação de oito cubos e suas possíveis formas de estruturação levaram Carioba à série "Cartas", oito "manuscritos" geometrizados que funcionam como textos da proposta estética do artista. Elas não buscam tratar da memória mas de apontar as múltiplas possibilidades de leituras em seus trabalhos.

Finalmente, no prosseguimento da parceria com o computador, Carioba dá estímulos para a máquina durante o processo de criação de imagens atribuindo a ela a possibilidade de interpretar tais estímulos e intervir no resultado final, impresso como fotografia. É o caso de "Cmyk - Alpha R" e "Cmyk - Alpha XW". Arquivos foram submetidos ao processo de impressão, sabendo-se que a máquina teria dificuldade de leitura. O resultado revela duas construções serializadas, uma que tem o branco como cor dominante, outra, o marrom. Em ambas, traços vermelhos, verdes e azuis, também de forma repetitiva, rompem o escorrimento da cor principal.

Com essa série, Carioba reafirma sua intenção pela busca das formas mínimas e radicaliza sua intenção ao delegar ao programa da máquina a condução da finalização da obra. Essas fotos, são, portanto, não só imagens que desafiam o observador, mas também o próprio criador.

Fabio Cypriano

São Paulo, 1º de outubro de 2004

² Em "Politizar as novas tecnologias" (São Paulo, Editora 34)